

**CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
À PALA DE CAMÕES
18 de Junho de 2025**

NA ESCOLA / 2010

um filme de Jorge Cramez

Realização: Jorge Cramez / Argumento: Jorge Cramez e Edmundo Cordeiro / Direcção de Fotografia: João Pedro Plácido / Som: Carlos Mota e Miguel Martins / Montagem: João Rosas / Interpretação: Simão Bárcia, Tomás Ferreira de Almeida, Valéria Brites, André Morais, Marta Mateus.

Produção: Cinemate / Cópia: betacam, colorida, falada em português / Duração: 21 minutos / Inédito comercialmente.

A IDEIA E A IMAGEM: LUÍS DE CAMÕES [EXCERTO]

Excerto de um episódio da série *A Ideia e a Imagem*, dedicado a Luís de Camões. Produção da RTP, conduzida por Álvaro Manuel Machado, com Jorge de Sena.

Produção: RTP / Cópia: Digital, preto e branco, falada em português / Duração: 15 minutos / Exibido na RTP a 10 de Junho de 1977.

ERROS MEUS / 2000

um filme de Jorge Cramez

Realização: Jorge Cramez / Argumento: Jorge Cramez, baseado no conto *Super Flumyna Babilonis* de Jorge de Sena / Direcção de Fotografia: Mario Masini / Som: Pedro Melo / Montagem: Pedro Filipe Marques / Interpretação: Luís Miguel Cintra (Camões), Isabel Ruth (a mãe).

Produção: Cinemate / Cópia: da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, 15 minutos / Inédito comercialmente.

Com a presença de Isabel Ruth

Entre os dois filmes de Jorge Cramez vamos ver uma pequena preciosidade de arquivo, um excerto de um programa dedicado a assuntos culturais que a Radiotevisão Portuguesa manteve durante algum tempo na década de 1970, conduzido por Álvaro Manuel Machado. A 10 de Junho de 1977 o tema do programa foi, pelo menos parcialmente, Camões, e aproveitou-se a passagem por Portugal de Jorge de Sena (veio à Península Ibérica receber um prémio) para uma pequena entrevista, que corresponde ao excerto que vamos ver. A oralidade de Sena, e o documento da sua presença, são o pequeno “espectáculo” do excerto, sendo de notar a forma como o escritor, escassos três anos depois do 25 de Abril, tem o cuidado (e fá-lo lapidariamente) de reenquadrar o “nacionalismo” de Camões e dos *Lusíadas*, defender o seu carácter, dir-se-ia agora, “performativo”, e pronunciar um método de relacionamento com ele e, no fundo, com todos os clássicos: lê-lo com os olhos de agora, sabendo situá-lo nas suas circunstâncias históricas.

Na Escola, um pequeno filme que Jorge Cramez assinou já depois da estreia na longa-metragem com *Capacete Dourado* (2007), carrega algo da presença de Camões (objecto principal da curta que

veremos a terminar o programa), mas ambigualmente associado ao espaço escolar, ao espaço da ordem e de uma submissão inerente. Filme de rebeldia melancólica, “em fuga”, é de Camões (mas também das palavras, do “texto”) que foge, para redescobrir uma relação directa, imediata, com a natureza, com o espaço não domado, não dominado. “Na escola”, chama-se, mas sempre a sonhar com o que está para além dela.

Erros Meus foi o primeiro filme “a solo” de Jorge Cramez (que em 1996 assinara outra curta, **Desvio**, a meias com Paulo Belém), e teve a feliz ideia de reunir dois dos maiores actores de cinema portugueses de todos os tempos, Luís Miguel Cintra e Isabel Ruth. Cintra é Camões, Isabel Ruth é a mãe dele, e com base num conto de Jorge de Sena (*Super Flumyna Babilonis*, ou seja, “sóbolos rios da Babilónia”) **Erros Meus** é uma imaginação dos últimos dias do poeta, doente e miserável, partilhando um tugúrio escuro com a mãe de quem depende em absoluto. Respirando Camões por todo o lado (até no título, que convoca a má fortuna e o amor ardente), envolto na luz “caravaggiesca” do operador italiano Mario Masini, o filme de Jorge Cramez é quase um bailado, na medida em que toda a atenção da câmara se concentra nos movimentos, nos gestos, no rostos, da sua gigantesca dupla de actores, e na relação deles e das suas personagens com aquela grande sombra que os rodeia (em sentido imanente, mas também simbólico). Filme de morte anunciada, filme de “dias do fim”, como noutro contexto Cramez voltaria a explorar no filme seguinte (**Venus Velvet**, filme de “fim do mundo”), **Erros Meus** é também como que uma fábula sobre a intransigência, pessoal e artística, bem expressa na formidável fala que o Camões de Luís Miguel Cintra diz com violência exasperada: “Eu como o pastel, mas versos aos santos não faço!”.

Luís Miguel Oliveira